



## 7º EnPE Encontro de Pesquisa e Extensão

COMUNICAÇÃO ORAL

### VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DO IFTM EM UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO AUTODIRIGIDA

Luís Gustavo Guadalupe Silveira  
IFTM, Câmpus Uberlândia/MG  
luisgustavo@iftm.edu.br

Mariane Araujo Vieira  
Mestranda em Artes Cênicas, PPGA – UFU  
marianedanca@gmail.com

Nádia Yoshi Ribeiro Higa  
Graduanda em Fisioterapia, UFU  
nadia-higa@gmail.com

#### Resumo Simples

O presente trabalho consiste em um relato da experiência de 6 anos do projeto de extensão “Vivências em Educação Autodirigida”, coordenado por professor do IFTM, Câmpus Uberlândia de 2014 a 2019. De forma concisa, apresentaremos aqui as principais características do projeto e seus resultados, por meio da descrição do que foi feito e de depoimentos de algumas pessoas que dele participaram. A proposta desse projeto era oferecer a estudantes advindos do sistema convencional de ensino, no caso, o IFTM, a experiência de participar de ambientes de aprendizagem com práticas educacionais diferentes das que estavam acostumados no dia a dia escolar. O espaço em que se deu o projeto foi a Casa da Árvore, uma Comunidade Democrática de Aprendizagem Livre inspirada no Modelo Sudbury de Educação. Pudemos observar, ao longo desses 6 anos, como a experiência foi enriquecedora para ambas as partes. Estudantes do IFTM puderam experimentar uma vivência educacional diferente de tudo que conheciam: participação democrática direta, aprendizagem autodirigida, contribuição cotidiana para o funcionamento do espaço por meio de Comissões de Trabalho (Limpeza, Compras, Biblioteca, Justiça etc.) e convívio com adultos que não estavam no papel de “professores” e com crianças de diferentes idades. Já a Casa da Árvore contou com a participação de adolescentes que traziam consigo histórias de vida, experiências e interesses próprios, além da possibilidade de uma interação que as crianças, sozinhas, não teriam entre si. A hipótese inicial do projeto, que previa ganhos para todas as pessoas envolvidas, parece ter se confirmado.

**Palavras-chave:** educação autodirigida; extensão; relato de experiência

## Resumo Expandido

O presente trabalho consiste em um relato da experiência de 6 anos do projeto de extensão coordenado pelo professor Luís Gustavo Guadalupe Silveira, do IFTM Câmpus Uberlândia/MG. O referido projeto intitulou-se “Práticas de Educação Não-Formal”, “Estudantes em Espaços de Educação Não-Formal”, “Estudantes em Espaços de Educação Autodirigida” e por fim “Vivências em Educação Autodirigida”. Contudo, apesar das diferentes nomenclaturas, o projeto foi o mesmo, de 2014 a 2019, quando se encerrou. De forma concisa, apresentaremos aqui as principais características do projeto e seus resultados, por meio da descrição do que foi feito e de depoimentos de algumas pessoas que dele participaram.

Sua proposta era oferecer a estudantes advindos do sistema convencional de ensino, no caso, o IFTM, a experiência de participar de ambientes de aprendizagem com práticas educacionais diferentes das que estavam acostumados no dia a dia escolar. O espaço em que se deu o projeto foi a Casa da Árvore, uma Comunidade Democrática de Aprendizagem Livre inspirada no Modelo Sudbury de Educação. Ao mesmo tempo, o projeto de extensão contribuiu com a Comunidade de Aprendizagem ao levar adolescentes para participarem ali, pois grande parte do público frequentador da Casa da Árvore consistia em pré-adolescentes e crianças. Como será abordado adiante, a mistura de idades era um ponto crucial na proposta desse espaço.

A Casa da Árvore foi fundada por um grupo de educadores independentes e famílias interessadas em proporcionar um ambiente educacional alternativo aos seus filhos e filhas. Seu objetivo era ser ambiente educacional baseado no Modelo Sudbury, cuja pioneira foi a Sudbury Valley School, escola fundada em 1969 no EUA. Com aproximadamente 80 espaços seguindo o mesmo modelo mundo afora, essa proposta se caracteriza pela gestão totalmente democrática, da qual participam estudantes e membros da equipe, pela aprendizagem 100% autodirigida e pela mistura de idades; em geral, esses espaços recebem de crianças a partir de 4 anos de idade até adolescentes de 18 anos, que convivem todos juntos, sem separações por faixa etária. Não há currículo pré-determinado, nem aulas obrigatórias, nem provas, nem notas. Com exceção de certas atividades administrativas (como a Assembleia Escolar e a Comissão de Justiça, por exemplo), todas as atividades são autoiniciadas por estudantes. Em diversos países, como Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Holanda etc., espaços assim são reconhecidos como escolas regulares, autorizadas a emitir certificação de conclusão do Ensino Médio, por exemplo. Em outros, como no Brasil, ambientes como a Casa da Árvore não se enquadram nas exigências legais para serem reconhecidas como escolas regulares, configurando-se assim como espaços de educação não-formal.

Pudemos observar, ao longo desses 6 anos, como a experiência foi enriquecedora para ambas as partes. Estudantes do IFTM puderam experimentar, por 4 horas por semana, uma vivência educacional diferente de tudo que conheciam: participação democrática direta, aprendizagem autodirigida, contribuição cotidiana para o funcionamento do espaço por meio de Comissões de Trabalho (Limpeza, Compras, Biblioteca, Justiça etc.) e convívio com adultos que não estavam no papel de “professores” e com crianças de diferentes idades. Já a Casa da Árvore contou com a participação de adolescentes que traziam consigo histórias de vida, experiências e interesses próprios, além da possibilidade de uma interação que as crianças, sozinhas, não teriam entre si.

Com propósitos tão diversos quanto o disciplinamento da infância e sua introdução no universo da ciência, a educação escolar cristalizou-se ao longo dos últimos séculos como o único modelo legítimo de educação. Salvo pequenas diferenças, os sistemas de ensino do mundo todo



7º EnPE

## Encontro de Pesquisa e Extensão

seguem mais ou menos o mesmo desenho: salas de aulas com dezenas de estudantes para um professor, relações humanas hierarquizadas, indissociação entre ensino e aprendizagem, desenvolvimento intelectual medido por notas ou conceitos, aferidos mediante a realização de teste e exames, currículo obrigatório pré-estabelecido, etc. Atualmente, dependendo da história educacional de cada país, a educação formal se dá no ambiente escolar, domiciliar ou diverso, sob paradigmas diferentes, passando do ensino compulsório à aprendizagem autodirigida. Se, por um lado, a psicologia evolutiva, a neurobiologia e outras ciências apontam para a importância da exploração livre, do ócio, do contato com o natural e da individualização dos percursos de aprendizagem, as instituições escolares ao redor do mundo tendem a enrijecer ainda mais os currículos, a diversificar e ampliar as horas de atividades dirigidas, a estandardizar o ensino e a introduzir o uso das novas tecnologias de informação em todas as etapas da educação escolar.

Além do aumento do registro sistemático dos resultados (positivos e negativos) obtidos pela escolarização convencional, é possível observar também que nos últimos cem anos há um número crescente de iniciativas que buscam trabalhar a educação sob um paradigma diferente do predominante. Algumas retomam práticas ancestrais, outras reformam certos aspectos do ensino compulsório, outras inovam completamente a prática educativa. Instituições como a Escola da Ponte (Portugal), Summerhill (Inglaterra e outros países do mundo), Vila-Escola Projeto de Gente e Escola Viva Inkiri (ambas na Bahia), escola Politeia (São Paulo), Gralha Azul (Lavras), Projeto Âncora (Cotia), Green School (Bali), Te-arte (São Paulo), Reggio Emilia (Itália), North Star (EUA) e Sudbury Valley School (EUA e outros países) são alguns exemplos de trabalhos que são realizados ao redor do mundo e que representam a ruptura com um ou mais aspectos que caracterizam a educação convencional.

Toda essa prática levou à produção de um vasto cabedal de conhecimentos a respeito da aprendizagem humana. Teorias que, por sua vez, realimentam novas práticas. Entre os autores que inspiraram a realização do projeto de extensão objeto desse relato, podemos destacar Carl Rogers, John Holt, Peter Gray, Daniel Greenberg, Paulo Freire, Alexander Sutherland Neill. A hipótese central do projeto “Vivências em Educação Autodirigida” foi que a participação de estudantes do Ensino Médio do IFTM em um espaço de educação alternativa traria benefícios tanto para essas(es) estudantes quanto para a comunidade de aprendizagem, ainda que fosse uma participação de apenas 4 horas semanais, sem que as diferenças de paradigmas educacionais fossem um empecilho para isso. Certos de que a experiência não teve o mesmo significado nem foi igualmente positiva para todas(os) as(os) participantes, destacamos aqui os depoimentos que parecem corroborar aquela hipótese inicial:

“Para mim, ficar na Casa da Árvore é como, uma vez por semana, ter um tempo para guardar lembranças incríveis. Quando vou para lá, seja para reuniões de conselho ou para passar o tempo enquanto aprendiz, sempre vivo experiências memoráveis. Brincar com as crianças, registrar nas paredes, falar com pessoas de diversas idades... Todos esses – e diversos outros – são momentos enriquecedores e que contam muito, principalmente para a minha formação enquanto pessoa!”  
B., estudante do IFTM

“A Casa da Árvore tem uma importância muito forte para mim desde a primeira vez que fui. Ter um lugar onde não se obriga a sentar em uma cadeira e ficar atento a um professor, é muito bom, além disso, poder discutir sobre diversos assuntos sem um limite aparente, faz com que novas ideias se formem. Um espaço tranquilizante onde conheci ótimas pessoas com opiniões distintas

e crianças que proporcionam o conhecimento para nós a cada dia. Assim é a Casa da Árvore, um lugar que prova que a aprendizagem livre é realmente possível.” M., estudante do IFTM

“A Casa da Árvore para mim foi uma experiência inexplicável. Aprendi de diversas formas o quão importante é ter amor e carinho na vida de um ser humano. Ao entrar naquele espaço é como se eu largasse tudo no portão e entrasse somente a essência da criança que há no fundo de mim. A Casa da Árvore me trouxe paz, calma e principalmente alegria em todas as vezes que eu pude visitá-la.” A. K., estudante do IFTM

“As crianças são todas tão incríveis, criativas e educadas que a interação com elas gera momentos de alegria e inspiração. O fato de haver um ateliê na casa faz com que meu lado artístico se liberte, o que alivia o estresse e as tensões. Não consigo expressar o quanto acho a equipe incrível.” A. L., estudante do IFTM

“A participação dos adolescentes do IFTM foi muito significativa para o projeto pois ela possibilitou a prática da convivência entre aprendizes de diferentes idades. Enquanto membro de equipe pude acompanhar diversos interesses que eles manifestavam: em conversas, em participação de reuniões, em escolha de atividades coletivas e individuais. A Casa sempre era mais alegre e agitada nos dias que eles estavam presentes.” N., membro da equipe da Casa da Árvore

“Considero que os adolescentes davam uma ambiência interessante para todos que estavam na Casa. Apesar da participação deles ser de uma ou duas vezes na semana, percebia que as interações entre os aprendizes e os adolescentes aconteciam de forma fluida e sem direcionamentos, regidos principalmente pelo desejo de estarem ali. Com a participação deles nas Assembleias era possível ter mais contato sobre o que eles pensavam sobre autonomia e modos democráticos de escolha, o que para mim, era sempre construtivo.” M., membro da equipe da Casa da Árvore

“Os adolescentes eram legais e brincavam. Eles gostavam de fazer coisas com a gente.” L., aprendiz da Casa da Árvore

“Era divertido ter os adolescentes na Casa. Eles brincavam com as crianças menores, jogavam comigo também. Quando eles iam não tinha só crianças menores que eu. Era divertido conversar com eles.” Y., aprendiz da Casa da Árvore



Estudantes do IFTM e aprendizes da Casa da Árvore jogam xadrez. Fonte: acervo da Casa da Árvore.



## 7º EnPE

# Encontro de Pesquisa e Extensão

Com as experiências de todos os envolvidos do projeto foi possível identificar que houve muitos pontos positivos, como a possibilidade das(os) adolescentes envolvidas(os) terem a oportunidade de experimentar vivências educativas autodirigidas, a comunidade da Casa da Árvore ter um número maior de pessoas com diferentes idades e formações distintas, a participação dos adolescentes em Comissões e Assembleias e a as trocas de experiências em momentos comuns de que se davam em piqueniques, brincadeiras e jogos, preparação de refeições, etc.

Nesse sentido, a troca de contextos de ensinos dirigido e autodirigido permitiu perceber que as oportunidades de contato entre as diferentes modalidades de educação existentes são raras e a tendência predominante é que a educação convencional busque nos mecanismos próprios da formalização a solução e o aperfeiçoamento de suas próprias questões. Enquanto a educação autodirigida acaba por se tornar desconhecida ou incompreendida por partir de pressupostos teóricos e práticos muito diferentes da escolarização convencional. Apesar de a legislação educacional brasileira restringir a introdução de certas inovações que são práticas comuns em outros países, ainda que certamente no intuito de regular e organizar o ensino escolar, existe também abertura para o contato e a troca com a comunidade externa, especialmente na área da extensão. Assim, é possível abrir caminhos para vivências educacionais ainda pouco praticadas nas escolas convencionais.

Entre as(os) estudantes do IFTM que iam visitar a Casa da Árvore para conhecer, nem todas(os) efetivamente continuavam participando semanalmente. Os motivos que levaram estudantes a não continuar no projeto não foram investigados. O projeto reconhece que pecou pela falta de um registro mais formalizado e sistematizado de seu impacto tanto para as(os) estudantes do IFTM que participaram quanto para a Comunidade de Aprendizagem Autodirigida. São questões que ficam em aberto para investigações futuras. Todavia, dada a natureza da Casa da Árvore, que tem como princípios centrais a autodireção e o respeito pelos percursos individuais, o que a leva a evitar qualquer tipo de intervenção considerada desnecessária, a coordenação do projeto optou por não realizar qualquer tipo de avaliação formal ou registro externo dessa participação, sob risco de afetar negativamente as(os) participantes ao criar expectativas estranhas ao seu envolvimento direto no projeto. O peso da “avaliação” do projeto ficou completamente em seus aspectos qualitativos, que podem ser vistos brevemente nos depoimentos apresentados acima e que puderam ser vividos em primeira mão pelas pessoas que dele participaram.

### Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Institut International des Droits de L'enfant (ide). Droit a l'éducation: solution a tous les problemes ou probleme sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre. Disponível em:

[http://www.virtual.ufc.br/solar/aula\\_link/llpt/A\\_a\\_H/estrutura\\_politica\\_gestao\\_organizacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf). Acesso em: 09/05/2014.

GRAY, Peter. *Free to learn: why unleashing the instinct to play will make our children happier, more self-reliant, and better students for life*. New York: Basic Books, 2013.

\_\_\_\_\_. The play deficit. *Aeon Magazine*, London, set. 2013. Disponível em:  
<http://aeon.co/magazine/being-human/children-today-are-suffering-a-severe-deficit-of-play/>.  
Acesso em: set. 2013.

GREENBERG, Daniel. *Reflections on the Sudbury School Concept*. Framingham: Sudbury Valley School Press, 1999.

HOLT, John. *Aprendendo o tempo todo: como as crianças aprendem sem ser ensinadas*. Tradução de Walther Casteli Jr. Campinas: Verus, 2006.

NEILL, A. S. *Liberdade, Escola, Amor e Juventude*. São Paulo: IBRASA, 1967.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros. 1978